



Os “Nossas Roças”: boletins agroecológicos como instrumentos pedagógicos

Leonardo Abud Dantas Oliveira¹, Amanda de Oliveira Andrade², Irene Maria Cardoso³, Fabrício Vassalli Zanelli⁴ e Ramon da Silva Teixeira⁵.

¹Bacharel em Agronomia pela UFV e mestrando em Agroecologia pelo Programa de Pós-Graduação em Agroecologia pela mesma universidade. E-mail: leonardoabud@gmail.com; ²Graduanda em Engenharia Ambiental pela UFV. E-mail: amanda.andrade.jf@gmail.com; ³Professora no Departamento de Solos pela UFV e doutora em Ciências Ambientais pela Universidade de Wageningen, Holanda. E-mail: irene@ufv.com.br; ⁴Professor do Departamento de Educação pela UFV e mestre em Educação pela mesma universidade. E-mail: fabricao.zanelli@gmail.com; ⁵Bacharel em Ciências Sociais pela UFV. E-mail: ramoneps2014@gmail.com.

Resumo: A agroecologia entendida como movimento, ciência e prática é uma proposta concreta de mudança dos atuais paradigmas social, ambiental, científico e político. Na Zona da Mata mineira a UFV, CTA-ZM, e as organizações dos agricultores atuam na pesquisa e na prática da agroecologia. Nestes territórios a transição agroecológica se dá por meio de metodologias participativas, em especial os Intercâmbios Agroecológicos. Os ambientes são promovidos à interface entre o conhecimento tradicional dos agricultores e o conhecimento científico. A história de vida, os saberes populares e os conhecimentos práticos são reconhecidos, valorizados e sistematizados. A comunicação e a publicação destes relatos ocorrem no formato de informativos. São quatro modalidades de boletins: Nossa Roça; Nossa Pesquisa na Roça; Nossa Roça Tecnologia Social e Nossa Cultura na Roça. O compartilhamento e a ampliação das experiências agroecológicas são importantes instrumentos pedagógicos para o diálogo e a compreensão da agroecologia.

Palavras-chave: Sistematização de experiências; Tecnologia Social; Socialização de saberes; História de vida.

1. Introdução

Entendemos agroecologia como movimento, ciência e prática (WEZEL et al., 2009). A ação conjunta destas três dimensões é capaz de profundas mudanças nos atuais paradigmas social, científico,



ambiental e político. Para a transformação do atual modelo capitalista de desenvolvimento é imprescindível que haja o esforço para a construção de uma sociedade em que se priorizem ações e políticas públicas voltadas ao desenvolvimento sustentável de comunidades. As pesquisas acadêmicas podem contribuir com esta transformação.

No campo, o modelo de desenvolvimento agrícola preconizado a partir dos anos 1960 baseou-se em uma extensão rural pautada na difusão do conhecimento. Esta “modernização” da agricultura contou com o aporte de financiamento externo para as universidades e centros de pesquisa e com subsídio de crédito aos agricultores. As políticas públicas direcionadas ao ensino, pesquisa, extensão e créditos foram fundamentais para promover a Revolução Verde (COELHO, 2014).

O projeto político de desenvolvimento adotado pelo Governo Federal entre os anos de 1960 e 1990 priorizava o crescimento econômico dos grandes centros urbanos. O aporte para este desenvolvimento baseou-se na força da mão-de-obra assalariada do trabalhador retirante e na abertura política e econômica ao investimento do capital estrangeiro das indústrias. Mas, recentemente, este “empreendimento de modernização” da agricultura foi fortalecido com as políticas internacionais do novo liberalismo econômico e por um intenso subsídio de créditos voltados para a agricultura visando à produção de commodities.

A consequência deste projeto de “modernização” agrícola foi perversa para o desenvolvimento das comunidades rurais. Houve um grande fluxo de trabalhadores rurais que migraram para os grandes centros urbanos abandonando suas propriedades e suas tradições culturais. A consequência do êxodo rural fortaleceu ainda mais a concentração fundiária nas mãos da oligarquia ruralista. Uma das principais forças que sustentam este modelo de produção é a profunda dependência da produção agrícola ao indissociável complexo industrial de insumos petroquímicos e agrotóxicos. O uso de insumos agrícolas, em especial dos agrotóxicos, é responsável pelo alto índice de intoxicação dos trabalhadores do campo e pela intensa contaminação do meio ambiente e dos alimentos (CARNEIRO *et al.*, 2012).

Nas universidades, as políticas públicas foram fundamentais para a consolidação da grade curricular dos cursos de ciências agrárias. Com isso, o conhecimento científico se sujeitou ao



desenvolvimento de tecnologias que se adequassem ao modelo de produção em monocultura, ao melhoramento genético de espécies comerciais e da agricultura bancária sustentada por insumos petroquímicos. Os projetos políticos pedagógicos adotados pelas universidades de agrárias assumem currículos voltados para pesquisas e extensão rural que formam profissionais difusores do “pacote tecnológico” a partir das práticas de extensão rural caracterizadas pela “transferência de tecnologias” (COELHO, 2014).

Muitas organizações sociais, técnicos, profissionais das universidades e centros de pesquisa e mesmo órgãos internacionais ligados à agricultura, debruçaram-se sobre estas questões. O relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2013) denuncia a insustentabilidade do sistema agrícola convencional e declara a urgente necessidade de mudanças nas orientações políticas e tecnológicas dos “modernos” sistemas agroalimentares. Além disso, aponta que estes sistemas são incapazes de oferecer respostas adequadas às crises alimentares, à degradação ambiental, à escassez de recursos não renováveis e as mudanças climáticas (PETERSEN, 2013 apud GOMES et. al., 2013). A agroecologia tem sido apontada por estes movimentos e instituições como capaz de dar respostas a insustentabilidade do atual modelo agroalimentar, o que exige políticas públicas adequadas, dentre outras medidas.

Ainda, segundo o relatório da ONU de 2010, intitulado “Agroecology and the right to food” é necessário orientar a agricultura para os modos de produção que sejam ambientalmente sustentáveis e socialmente justos. Dentre as recomendações aos governos, para criação de políticas públicas em sustentabilidade, o estudo afirma que é preciso reorientar os gastos públicos na agricultura, priorizando os serviços de extensão e infraestrutura rural, bem como a pesquisa em métodos agroecológicos (SCHUTTER, 2010).

Na Zona da Mata mineira – região em que a agroecologia e o agronegócio disputam espaço físico, político e ideológico como expressão de projetos opostos para o mundo rural – o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM), a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e as organizações dos/as agricultores/as familiares desenvolvem, desde a década de 80, a transição agroecológica em



parceria com agricultores, agricultoras, técnicos, professores, estudantes, dentre outros (CARDOSO e FERRARI, 2006).

Nesta região, como estratégias de ação surgem as compras coletivas de terras, o acesso a políticas públicas como a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), políticas de crédito fundiário, o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), os programas de formação de agricultores e de formação específica para as mulheres, a criação das associações de agricultores, a criação de cooperativas de crédito e produção, a criação das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) (ZANELLI *et al.*, 2015).

Neste processo de transição, as metodologias de construção coletiva do conhecimento e de educação popular são utilizadas e aprimoradas constantemente. Os intercâmbios agroecológicos são considerados metodologias participativas e possibilitam a integração entre agricultores e agricultoras, técnicos, estudantes e professores (ZANELLI, 2015). A partir dos ambientes de interação agroecológica propiciado pelos intercâmbios é possível conhecer as propriedades das famílias agricultoras, assim com ampliar e socializar as práticas a os manejos agroecológicos que cada família realiza.

Os intercâmbios possibilitam um diálogo horizontal que permite a integração entre o conhecimento popular e o conhecimento científico. Nestes ambientes de interação agroecológica são resgatadas e disseminadas tecnologias sociais e práticas agroecológicas, tais como tecnologias de conservação de água e solo, uso de sementes e variedades crioulas, plantas medicinais, biofertilizantes, sistemas agroflorestais, criação animal alternativa, etc. Os intercâmbios agroecológicos, pra além da contribuição no que tange à agrobiodiversidade, também contribuem para o entendimento da cultura popular enquanto valor e forma de resistência da agricultura camponesa. Por este motivo, os boletins “Nossas Roças” sistematizam as histórias de vida e as práticas agroecológicas das famílias agricultoras.



Compreendemos que o campo é muito mais do que um espaço de produção de alimentos, é também território de produção de cultura, território educativo, território do bem viver, de relações sociais, de organizações coletivas, etc. Por isto, identificar, sistematizar, registrar e socializar estas histórias e práticas é tarefa fundamental para que se estabeleça o respeito, o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos de todos os envolvidos: agricultores e agricultoras, técnicos/as, pesquisadores/as, etc. Portanto, os boletins “Nossas Roças” são a história da agroecologia contada a partir do povo que a vive no seu cotidiano, são estratégias de comunicar/anunciar a agroecologia que está sendo praticada de diferentes formas nas comunidades rurais da Zona da Mata mineira, com isto esperamos que estas práticas se difundam e passem a ser praticadas por um conjunto cada vez maior de famílias agricultoras da região.

2. Descrição e reflexões sobre a experiência: os “Nossas Roças”, seus propósitos e sua diversidade de temas

Os boletins “Nossas Roças” são publicações realizadas pelo CTA-ZM em parceria com a UFV e as organizações do/as agricultores/as familiares de diversos municípios da Zona da Mata mineira. Os textos são escritos por professores, técnicos e estudantes e revisados pelos agricultores. Estas publicações atualmente recebem apoio de alguns projetos como o Comboio Agroecológico do Sudeste e o ECOAr Práticas, Ciências e Movimentos (edital 81/2013 MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq) e de alguns órgãos de fomento à pesquisa como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e a Fundação Banco do Brasil.

Os “Nossas Roças” estão divididos em quatro modalidades de boletins com diferentes enfoques temáticos: (i) *Nossa Roça*, (ii) *Nossa Pesquisa na Roça*, (iii) *Nossa Roça Tecnologia Social* e (iv) *Nossa Cultura na Roça*. Cada uma dessas modalidades de boletim será descrita detalhadamente a seguir.



O primeiro número do boletim *Nossa Roça* foi escrito em 2003. Este informativo tem como principal objetivo relatar a história de vida da família camponesa e sistematizar um pouco de suas práticas e conhecimentos agroecológicos. Cada edição é protagonizada por uma família. Nestes treze anos e quarenta e duas edições são muitas as histórias de vida contadas e socializadas. Estas histórias contadas nos boletins mostram para aqueles que já praticam a agroecologia ou que estão em transição agroecológica que existem mais famílias que vivem experiências agroecológicas no dia a dia. Os boletins cumprem um importante papel de comunicar a existência da agroecologia como “circuitos de comunicação” (MONNERAT *et al.*, 2016), uma vez que a visibilidade, a valorização e os diálogos de saberes é importante para o processo de construção de uma rede agroecológica forte.

Comunicar que mais pessoas fazem agroecologia no território leva a um processo de promover o interesse e motivação de outras pessoas por essas experiências. O reconhecimento e a valorização da trajetória e dos saberes dos agricultores familiares agroecológicos são fundamentais para que se haja a democratização do mundo rural. Dessa forma, os boletins *Nossa Roça* são textos que narram histórias e as práticas agroecológicas das famílias agricultoras que vivem na Zona da Mata mineira. Famílias que amam o campo e procuram viver em harmonia com a natureza.

Outra modalidade de boletim é o *Nossa Pesquisa na Roça*. O primeiro boletim desta modalidade foi escrito em 2011 e até o momento foram publicados dezenove números. Este informativo apresenta os resultados de pesquisas científicas realizadas por pesquisadores da UFRJ em parceria com as famílias agricultoras. Muitos dos experimentos científicos são realizados nas propriedades dos próprios agricultores, outros são realizados na universidade, mas estão entrelaçados no tecido social dos territórios onde a agroecologia se concretiza. Como processo comunicativo, os textos produzidos são instrumentos de socialização em linguagem mais próxima e contextualizada com a realidade dos agricultores/as. É uma maneira de empoderar os agricultores sobre a “cientificidade” das práticas que eles executam, e ao mesmo tempo de forçar a ciência a comunicar os resultados de pesquisa de maneira mais acessível à população.

Esse boletim parte da premissa que a produção de conhecimento não é exclusividade dos profissionais das ciências. O envolvimento e a participação ativa de agricultores e agricultoras são



fundamentais tanto na definição dos problemas das pesquisas como na condução do experimento e na divulgação de seus resultados. Esta forma de pesquisa é um rompimento na atual concepção de pesquisa acadêmica, pois considera os agricultores assim como os pesquisadores como construtores conjuntos de conhecimento científico (CARDOSO e FERRARI, 2006). Enfim, esses boletins expressam-se como evidência da parceria entre saber científico e saber popular, com a compreensão de que a academia dever andar de mãos dadas com os saberes tradicionais de um povo que pratica, respira, come e vive a agroecologia.

A terceira modalidade destes informativos trata-se do boletim *Nossa Roça Tecnologia Social*. Este boletim divulga soluções práticas, simples e de baixo custo, que foram desenvolvidas por agricultores/as. Estas tecnologias buscam resolver de forma alternativa e sustentável as situações problemas que surgem em suas propriedades. O primeiro número foi escrito em 2012 e até o momento foram publicados seis números. As tecnologias sociais são importantes ferramentas de emancipação tecnológicas, valorização do conhecimento local e de fácil replicação. Estas tecnologias são expressão da criatividade, inventividade e capacidade dos/as agricultores/as de resistir no campo com os recursos que se tem em mãos, além de serem importantes instrumentos de autonomia para as comunidades locais.

A quarta modalidade é o boletim *Nossa Cultura na Roça*, cuja primeira edição foi publicada em junho de 2016. Este informativo surgiu a partir das discussões que apontavam a necessidade de evidenciar as conexões entre agroecologia, território e cultura. O fortalecimento da agroecologia se dá na territorialização de práticas e saberes das famílias, a partir da organização de um repertório de símbolos, de costumes e de valores, e estes indicam uma relação mais integrada com a natureza. A cultura é também uma relação de mediação entre agroecologia e a natureza.

Dessa forma, esse informativo procura identificar, registrar e socializar aspectos da cultura local e tradicional das famílias de agricultores na Zona da Mata mineira. Os registros são realizados pela escrita e fotografia, presentes no *Nossa Roça*, mas também por áudio visual, disponibilizados na mídia social. Acreditamos que a agroecologia, assim como a cultura, é um espaço de resistência e empoderamento do povo. Agroecologia é respeitar os mais velhos, escutar suas histórias, respeitar seus



legados e aprender com eles. As diferentes matrizes culturais influenciam na forma de praticar a agroecologia, e isto precisa ser reconhecido. No caso da Zona da Mata mineira, as comunidades que trabalhamos são de agricultores familiares descendentes de imigrantes portugueses e italianos, mas também descendentes de povos indígenas e comunidades quilombolas. Portanto, as celebrações, a ancestralidade e a ritualística, o modo de vida e o legado dessas matrizes socioculturais são imprescindíveis para o fortalecimento da agroecologia. Com esses boletins aprendemos que a resistência de um povo se dá pela cultura viva que cada comunidade cultiva no seu viver.

3. Diálogo com os princípios e diretrizes da educação em agroecologia

Os “Nossas Roças” são uma proposta de reconhecer, registrar e socializar o conhecimento tradicional dos agricultores familiares e/ou o conhecimento científico em interação com estes. Estes boletins contam a história de vida e as práticas dos agricultores camponeses e agroecológicos. Muitos destas são histórias de vida de um povo que vive e luta pelos direitos de acesso à terra e acesso e preservação de bens naturais, como água, sementes e florestas.

Com os boletins, assumimos que o conhecimento adquirido a partir da prática e os legados dos ancestrais são fundamentais para a transformação e superação do atual paradigma dominante da agricultura “convencional”. Uma das alternativas de se opor a este modelo dominante é a produção de uma rede de comunicação contra hegemônica, que preza pela socialização de experiências, histórias, tecnologias e saberes populares, permitindo que mais pessoas tenham acesso a estes processos de conquista de autonomia e de resistência.

As organizações e os movimentos sociais são indispensáveis para que ocorram estas transformações. Ações de formação de base e de mobilização das comunidades rurais são peças chaves para que isso ocorra. As parcerias entre as organizações e movimentos dos agricultores/as, como os Sindicatos, Cooperativas e Associações dos/as agricultores/as familiares, Movimento dos Sem Terra (MST) com a UFV e com o CTA-ZM são úteis para a construção do conhecimento técnico e político de forma dialógica e para o entendimento, superação e avanço em políticas públicas direcionadas ao



desenvolvimento rural sustentável. Os boletins são fruto destas parcerias, já que as histórias, práticas e pesquisas são identificadas e registradas a partir das ações destes parceiros.

As complexidades de fatores que envolvem os processos de construção da agroecologia são um desafio e ao mesmo tempo fortalezas. O movimento agroecológico tem se utilizado de diferentes estratégias de metodologias participativas como os círculos de cultura, os intercâmbios agroecológicos e os diagnósticos rurais participativos, para propiciar estes diálogos educativos. Diálogos estes que permitam estreitar a relação entre os saberes científicos e populares e a territorialização dos saberes agroecológicos. Os “Nossas Roças” contribuem para estes diálogos educativos, pois o processo de registro e sistematização permite evidenciar lições importantes e a socialização permite ampliar os olhares e contribuir para a disseminação da agroecologia.

4. Considerações finais

Acreditamos que os boletins “Nossas Roças” realizam seus objetivos de identificar, reconhecer, sistematizar, valorizar e disseminar os conhecimentos dos agricultores/as, o que pode contribuir para a superação do paradigma de desenvolvimento hegemônico e excludente. A partir de publicações impressas, os boletins permitem que os próprios agricultores/as possam se reconhecer como atores ativos das transformações política, social e ambiental em curso. Estabelecem, portanto, uma forma de comunicação, mais acessível, mais pedagógica, em maior diálogo com o conhecimento popular, além de colocar em evidência os/as agricultores/as, que são os legítimos protagonistas destas práticas.

Historicamente, na última década, houve consecutivas conquistas em prol da agricultura familiar camponesa e agroecológica. Políticas públicas, como ATER, PAA, PNAE, PNHR, PRONAF, crédito fundiário, PNAPO e outras são fundamentais para o fortalecimento e o reconhecimento desta classe trabalhadora. Estas políticas são fruto de muita luta e esforço dos movimentos sociais rurais, das organizações de trabalhadores rurais, de organizações não governamentais e de profissionais liberais ligados pesquisa, ensino e extensão. Muitas destas políticas favoreceram o estreitamento entre o



conhecimento das famílias agricultoras e o conhecimento acadêmico, a exemplo das políticas de ATER e PNAPO que permitiram a realização de intercâmbios e publicações dos boletins.

Estes boletins contribuem para territorialização e a disseminação dos saberes agroecológicos, pois permitem estas experiências possam ser compartilhadas de forma mais ampliada e alcance um maior número de pessoas.

O princípio da solidariedade e da relação mútua entre os diversos atores que atuam na esfera da agroecologia é indispensável para que os princípios da vida, da diversidade, da complexidade e da transformação ocorram de maneira não conflituosa e de forma efetiva nas transformações políticas, sociais e ambientais. O princípio da solidariedade mantém proximidades ao conceito dialógico entre o extensionista e o camponês, proposto por Paulo Freire (FREIRE, 1983). A solidariedade pressupõe a compreensão e o respeito à cultura do outro e a mútua cooperação entre as pessoas e grupos. Agroecologia é cuidado, respeito e dignidade com as pessoas e com a natureza. Este princípio deve ser incluído entre os princípios da educação em agroecologia.

Referências

CARDOSO, I. M. FERRARI, E. A. *Construindo o conhecimento agroecológico: trajetória de interação entre ONG, universidade e organização de agricultores*. In: Revista Agriculturas, v. 3, n. 4, p. 28-32, 2006..

CARNEIRO, F. F. AUGUSTO, L. G. S. RIGOTTO, R. M. FRIEDRICH, K. BÚRIGO, A. C. *Dossiê ABRASCO – Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2015. p. 124-168.

COELHO, F. M. G. *A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos*. 2 ed. Viçosa, MG: Suprema, 2014. 188 p.

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* 8ª edição. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 1983. 93 p.

GOMES, J.C.C., ASSIS, W.S. *Agroecologia: princípios e reflexões conceituais*. Brasília, DF. Embrapa, 2013.

MONNERAT, P.F.; SOUZA, N. A & VAZ, B. A. *Comunicação tem gosto? As experiências do Projeto Flora: reflorestando a reforma agrária no Pará*. In: Revista Agriculturas, v.13, n.1, p.30-35. 2016.



UNCTAD. *Trade and Environment Review 2013: wake up before it is too late: make agriculture truly sustainable now for food security in a changing climate*. Geneva, 2013. Disponível em: <<http://unctad.org/en/pages/PublicationWebflyer.aspx?publicationid=666>>. Acesso em: 07 out. 2016.

WEZEL, A., BELLON, S., DORÉ, T., FRANCIS, C., VALLOD, D. DAVID, C. *Agroecology as a science, a movement and a practice*. A review. *Agronomy for Sustainable Development*, v. 29, n. 4, p. 503-515, 2009.

ZANELLI, F. V. LOPES, A. S. CARDOSO, I. M. FERNANDES, R. B. A. SILVA, B. M. *Intercâmbios agroecológicos: aprendizado coletivo*. Informe Agropecuário. *Agricultura orgânica e agroecologia*, v. 36, n. 287, p. 104-113, 2015

ZANELLI, F. V. *Educação do Campo e Territorialização de Saberes na Zona da Mata mineira: Contribuições dos Intercâmbios Agroecológicos*. Dissertação– Departamento de Educação, Universidade Federal de Viçosa, 2015. 160 p.

SCHUTTER, O. *Report submitted by the Special Rapporteur on the right to food*. General Assembly. United Nations, dezembro, 2010.

ANEXOS



Figura 1. Nossa Roça Tecnologia Social, n. 3, junho de 2015.



Fonte: CTA-ZM (2015).

A AGROECOLOGIA MUDOU MEU JEITO DE VER O MUNDO: A HISTÓRIA DO CASAL LUCIANA E GILBERTO

19-33 - Junho de 2016

Luciana e Gilberto são um jovem casal que se dedica por permanecer na campo e produzir de forma agroecológica. A propriedade de dez hectares localizada na comunidade de Vargem Grande de Suzete, em Divinópolis, Minas Gerais, foi construída em 2010, de forma coletiva, por meio da Política Nacional de Crédito Rural (PRONAF). O programa de aquisição de terras do Governo Federal, este agricultores participaram de projetos. Esses agricultores já moravam e trabalhavam na região como merceiros. Todos eles plantam sem o uso de agrotóxicos, de forma agroecológica.

Gilberto e Luciana participaram ativamente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar (SITAF) e fazem parte da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Suzete e Itaipava de Cooperação de Agricultura Familiar e Solidária de Suzete e Cratívia (COOPERDIOOP) fundada no dia 28 de junho 1996. Sua missão é a troca dos produtos agroecológicos de Divinópolis, Itaipava, e Suzete, e está inscrita no registro das Comunidades Educadas de Suzete (CES) no registro, no Registro de Assistência Rural (RAR) e cadastrados também com o CTA-ZM (Centro de Territórios Alternativos de Zona da Mata), que teve um papel relevante na consolidação do movimento agroecológico na região.

Gilberto conta que a agroecologia mu-

dos sua forma de lidar com a terra e também o ajuda a valorizar sua identidade campesina. Sua voluntária começou a trabalhar a partir de seu contato com FUR. "A primeira vez que eu fui, eu cheguei querendo falar a minha realidade", ele trabalhou e ajudou de cerca de 100, de serem produtores de alimentos e a compreensão de que na roça também há qualidade de vida.

Luciana reconhece a agroecologia quando começou a trabalhar com Gilberto e ela contou que mudou em sua vida a partir de então: sua relação com a terra, com os processos, a participação nos movimentos locais e nas organizações, ampliando sua interação na vida comunitária. "Eu não sei explicar muito e que vivo, mas do que sempre falar que foi maravilhoso, que mudou completamente meu jeito de ver o mundo".

A família de Gilberto sempre foi ligada a movimentos sindicais, seu pai, organizado ele, é um homem muito sério e nunca foi adepto das agrotóxicos. Segundo Luciana, seu pai também não gostava de usar agrotóxicos, mas não tinha muita influência dos técnicos que apareciam por lá.

A casa onde o casal mora foi adquirida a partir do Programa Nacional de Habitação Rural (PRONAR) do Governo Federal. Na municipalidade, este programa é gerenciado pela Associação Regional de Zona da Mata. A Associação Regional está implantando

Material produzido e parte do Projeto Cambio de Agroecologia de Suzete (Edital 03/2015 NECT/ MARA/MDA/MC/MPA/CPAQ), a Rede de Núcleos de Agroecologia do Sulista, que ocorreu no município de Divinópolis. O grupo tem integrantes de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro foi realizada no caso de Luciana e Gilberto por três anos. Aqui essas organizações e parceiros.

REALIZAÇÃO:
Centro de Agroecologia de Suzete e CTA-ZM (Edital 03/2015)
Instituto de Territórios e Transformações Agrícolas (Instituto de Zona da Mata)

APORTE: José Maria Cardoso, Nelson Manoel Flores de São Teodoro
Apoio técnico para trabalho técnico: **Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Suzete e Itaipava de Cooperação de Agricultura Familiar e Solidária de Suzete e Cratívia**

PARCEIROS:

Figura 2. Nossa Roça, n. 33, junho 2016.

Fonte: CTA-ZM (2016).